

*Aue*

## FOLHA DE SÃO PAULO

### Um fósforo

3 ABR 1987

São Paulo

1. O adiamento das decisões referentes à escolha de relatores das subcomissões da Assembléia Nacional Constituinte, para terça-feira, acrescentou, a uma atmosfera já de si bastante tensa em Brasília, mais um elemento inquietador. Vários líderes do PMDB passaram o dia de ontem reunidos e discutindo, enquanto jornalistas e observadores se afanavam na procura de alguma informação mais precisa.

2. Sabe-se que a uma certa altura começou a correr o boato de que o ministro Funaro acabara de apresentar mais um plano, e a repercussão foi imediata. De várias capitais do país, alertados governadores ou secretários, por informantes ou deputados, procuravam alguma informação que oferecesse alguma luz ao ambiente sombrio que domina Brasília, desde segunda-feira, e sobretudo depois dos incidentes nos quais policiais militares agrediram constituintes numa assembléia pacífica de bancários então em greve.

3. As medidas que se atribuíram ao ministro Funaro teriam se resumido às suas declarações, mas isso não redundou em esclarecimento do ambiente sombrio de

Brasília, e que se reflete em todo o país.

4. Na opinião de muitos políticos e observadores, um ar de anormalidade que pesa sobre toda a nação. Frequentemente, fatos não relacionados formam uma corrente de comportamento, criam uma atmosfera de temor. É temor precisamente o que muita gente está sentindo neste momento.

5. Contribuiu de certa forma para essa inquietadora expectativa, que talvez não redunde em nada de grave, a declaração do ex-presidente João Figueiredo, na missa mandada celebrar para comemorar o golpe de 64. Houve até mesmo quem tivesse lido, na declaração do general, a senha que era aguardada para iniciar as articulações tendentes a pôr um termo ao que já visto hoje como um vácuo político, localizado em Brasília. Dificilmente se poderia ler, num desabafo, uma palavra de ordem. Mas em climas tensos, um fósforo aceso pode parecer um relâmpago. Cláudio Abramo

2 de abril

## Brasília

Em sua campanha para abater com ironia a política econômica do governo, o deputado Delfim Netto só viu um erro realmente importante no discurso do ministro Funaro, ontem, à bancada do PMDB. "Estava um dia atrasado", brincou. A própria assessoria do Ministério da Fazenda riscou, por motivos óbvios, o dia 1.º de abril de seu calendário de eventos. Mas se os políticos do PMDB não acreditaram, certamente farão esforço para acreditar: afinal, as palavras do ministro, recheadas de números, não poderiam ser mais atraentes.

Quem ler o discurso não verá, em nenhum momento, uma proposta de combate à inflação. Crescimento é a prioridade nacional — o que significa aumentar a quantidade de dinheiro na mão das pessoas. Embora alguns dos recursos já estejam previstos, o ministro brindou com esperanças de recursos: governadores, prefeitos, empresários, comprometeu-se a construir até 250 mil casas. Não faltarão, segundo ele, recursos para a compra da safra. A depender da quantidade de dinheiro, a inflação, na verdade, tende a crescer.

Resta saber como crescer e pagar a dívida. Mas este tipo de detalhe os políticos não apreciam. Ou mesmo como acompanhar a execução destes programas; do Palácio do

Planalto ensaia-se a formação de um grupo especialmente incumbido de zelar por este programa. Em outras palavras: entre a inflação e o crescimento, o governo já fez sua opção, com todos os riscos de instabilidade, numa economia ligada a uma série de gatilhos como salarial e de câmbio.

A preocupação do presidente é deixar claro as regras do jogo, a fim de que os empresários invistam. E a regra básica, segundo o ministro, é de que o país vai crescer pelo menos 7% ao ano; sem isso, entra-se no desfiladeiro da crise social, da turbulência política. Nenhum ajuste interno para saldar os compromissos da dívida pode arranhar este objetivo.

Em seu discurso, Funaro deixou claro um recado extremamente sensível aos ouvidos de políticos sobre os perigos da recessão, lembrando a experiência do governo passado. Segundo ele, graças ao desemprego, FMI, arrocho salarial, o povo derrubou a "velha República". Qualquer partido sabe que o caminho mais curto para perder o poder são os salários baixos, desemprego alto e preços subindo. Gilberto Dimenstein